



Sobre o sentido cinquenta anos depois*

Alessandro Zinna**

Tradução de Carolina Tomasi***

Resumo: O texto, ao traçar o projeto greimasiano para o estudo da significação, propõe uma leitura crítica e atualizada de *Sobre o sentido*, uma das principais obras de Algirdas Julien Greimas e que se apresenta como parte importante na história de construção da semiótica discursiva. Para além de uma descrição do conteúdo dos ensaios que compõem o livro, são mencionados os diálogos estabelecidos com as preocupações da época, e, sobretudo, as aberturas e as contribuições possíveis dessa teoria do sentido ao contexto de pesquisa contemporâneo.

Palavras-chave: Sentido,, Greimas,, conteúdo,, percepção,, valor

Em direção a uma teoria do sentido

Publicado originalmente pela Seuil (França) em 1970, a recolha de ensaios de Greimas, intitulada *Sobre o sentido*¹, foi traduzida quatro anos mais tarde pela coletânea de estudos semióticos editada pela Bompiani². O fato de republicar o ensaio introdutório, quase cinquenta anos depois de sua aparição, além de encontrar motivação na dificuldade de reparar uma edição já esgotada, constitui uma ocasião para traçar o percurso de uma pesquisa que, nesse intervalo, edificou-se e se tornou uma escola de pensamento reconhecido e de muito valor no mundo³.

Com relação à tradição italiana, que tem na sua origem a filosofia da linguagem, a semiótica de Algirdas Julien Greimas, por sua vez, funda suas raízes na linguística e na antropologia estrutural⁴. A reunião desses ensaios vem depois da publicação de *Semântica estrutural* (1966) e reúne algumas conferências, editadas e inéditas; todos eles são considerados um dos mais significativos trabalhos do “primeiro” Greimas. Embora a tendência seja considerá-lo como uma sequência natural da primeira parte da pesquisa, os quatorze ensaios, que compõem o volume, surgiram entre 1960 e 1970 e contêm, na realidade, algumas reflexões que precedem, acompanham e continuam o

* Texto publicado como Prefácio à edição italiana de *Du sens* (Greimas, 1970). In: Greimas, A. J. *Del senso*. A cura di Alessandro Zinna. Roma: Lucca Sossella Editore, 2017.

** Professor Titular de Ciências da Linguagem na Universidade de Toulouse II, Jean Jaurès, França. É diretor do laboratório Médiations Sémiotiques (<http://mediationsemiotiques.com/>), atual responsável pelo Colloque d'Albi (França) e Secretário da Federação Românica de Semiótica. Endereço para correspondência: { alessandro.zinna@univ-tlse2.fr }.

*** Pós-doutoranda do Programa de Semiótica e Linguística geral do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Endereço para correspondência: { tomasicarolusp@gmail.com }.

¹ Nota da Tradutora: *Sobre o sentido*, traduzido por Ana Cristina Cruz Cezar, Ana Maria Sampaio Fernandes, Katia Hakim Chalita, Clara de Andrade Alvim, Maria Zélia Barbosa Pinto, foi publicado no Brasil em 1975 pela Editora Vozes. A primeira edição italiana é de 1974.

² Umberto Eco, na qualidade de diretor da coleção, confiou a edição a Stefano Agosti. A reedição italiana proposta para *Sobre o Sentido* retoma a mesma tradução, com a introdução de alguns ajustes e melhorias.

³ Com uma denominação que, posteriormente, se difundiu e se consolidou, Jean Coquet (1994) propôs chamar esse grupo de pesquisadores próximos a Greimas de “Escola de Paris”.

⁴ Neste ano de 2017, comemora-se o centenário do nascimento de Greimas (1917-1992). Uma bibliografia de suas publicações está disponível no seguinte endereço: <http://www.cairn.info/la-mode-en-1830-9782130504887-page-411.htm>.

⁵ *Sobre o sentido* articula-se em quatro seções: I. [O sentido]: Sobre o sentido (1970); Considerações sobre a linguagem (1966); A estrutura semântica (1969); Por uma semiótica do mundo natural (1968) [N.T.: na edição brasileira, “Condições para uma semiótica do mundo natural”]; Por uma sociologia do senso comum (1968) [N.T.: na edição brasileira, “Por um sociologia do Bom-senso”]; II. A história e a comparação: Estrutura e história (1966) [N.T.: na edição brasileira, “Estrutura e história”]; A mitologia comparada (1963); O jogo das restrições semióticas (1968); III. [O conto]: Elementos de uma gramática narrativa (1969); Por uma teoria de interpretação da narrativa mítica (1966); A busca do medo (1970); A estrutura dos actantes da narrativa (1967); IV [A manifestação]: A linguística estrutural e a poética (1967); A escritura cruciverbista (1967); Provérbios e ditados (1960).

primeiro trabalho de Greimas⁵. Mais tarde, em *Sobre o sentido II*⁶, mais do que uma exposição sistemática do tratado, para apresentar seu projeto de semiótica, Greimas privilegia a forma de ensaios breves. Nesse ponto, por meio da recorrência dessa modalidade ensaística, poderíamos pensar em uma teoria construída por fragmentos. Acreditar mais nessa hipótese seria contrapor-se a uma reflexão que, por meio de exposição breve, organiza acuradamente um quadro geral, fixando limites e, sobretudo, traçando um objetivo último da semiótica: esse objetivo, enfatizado pela redundância dos títulos das duas coletâneas de ensaios, é o de construir uma *teoria do sentido*.

Do signo ao sentido

É por meio dessa abordagem que a semiótica de Greimas se distingue do nascente paradigma semiótico que, ainda nos anos sessenta, acaba por privilegiar os *códigos* e *signos*: uma linha que, embora com oportunas distinções, reúne, de fato, os trabalhos de Roman Jakobson, Roland Barthes e Umberto Eco. Elencando segundo uma cronologia de publicações, podemos dizer que Jakobson (1956), na conferência “Metalinguagem as linguistic problem” [“Metalinguagem como problema linguístico”], havia apenas começado sua reflexão sobre as funções da linguagem, na qual distingue o *código da mensagem*⁷; Barthes publicará naquele mesmo ano *S/Z* (1970), em que desenvolve uma análise para *códigos conotativos*; Eco, finalmente, proporá no *Tratado de Semiótica Geral* (1975) uma divisão entre teoria dos códigos e modos de produção signica.

No texto introdutório do primeiro volume, “Sobre o sentido”, o semiólogo lituano assume uma posição diversa: relendo o texto, entende-se que o objetivo final da sua teoria não é mais o significado, o estudo dos sistemas de significação ou as estruturas da narrativa, mas, na realidade, o *sentido*. Por meio dessa peça singular, o projeto de Greimas objetiva descrever o *sentido* que se difunde em muitos sentidos e que reúnem propriamente o significado da palavra. Para conhecer e dizer alguma coisa de sensato sobre o sentido, uma vez excluídos os sistemas que dele foram privados, como

os da lógica simbólica⁸, resta a Greimas duas saídas: de um lado, as operações de *transposição metalinguística* e de *tradução* – na acepção ampla de Jakobson, diríamos *intersemiótica*, *interlinguística* e *infralinguística* – de outro lado, as explorações das definições de senso comum⁹. Nesta última hipótese, e de grande importância, essas definições assumem as acepções de *intenção*, *direção* e *finalidade*, sendo capazes de superar os limites estreitos das línguas naturais e colocar-se, assim, como base para uma semiótica do vivente (do que tem duração)¹⁰.

O sentido, assim compreendido como direção e finalidade da ação, conjuga novamente a semiótica com a biologia e com a etologia, uma vez que privados das línguas naturais, todos os “existentes sensíveis”, da planta aos animais, possuem modalidades de comunicação e perseguem uma finalidade, que é o sentido da própria existência.

Dos inventários universais ao sentido

Como se constrói essa transformação das indagações sobre o *significado* para as indagações sobre o *sentido*, até mesmo em sua acepção mais ampla, como pode ser as de “sentido da vida”? Para entendermos as razões, precisamos dar um salto para trás e retomar a leitura do *Curso* de Saussure.

Mesmo com a publicação do ensaio sobre a atualidade do saussurismo¹¹ – e, no *Curso de Linguística geral* (Saussure, 2006 [1916]), o significante linguístico é decomposto pela cadeia de fonemas – essa decomposição não vai ocorrer com o significado, uma vez que este último permanece, na realidade, uma mônada indivisível. Para Greimas, a ideia de uma semântica estrutural nasce conjuntamente com as questões de Louis Hjelmslev¹² e almeja essencialmente emancipar o estudo do conteúdo da indivisibilidade do significado saussuriano. A finalidade é mostrar que também esse plano possui a propriedade que Martinet, limitadamente à expressão, chama de *dupla articulação da linguagem*¹³. A análise para *figura do conteúdo*,

⁶ Editado na Itália pela mesma coleção Bompiani, *Sobre o sentido II* contempla os textos da edição original publicada em 1983 e traduzida para o italiano no ano seguinte.

⁷ O texto da conferência inédita surgiu em *Lo sviluppo della semiotica [O desenvolvimento da semiótica]*, cf. Jakobson, 1956, tradução italiana, p. 85-98.

⁸ Trata-se de uma linguagem “desprovida de sentido” para falar dos sistemas que são, ao contrário, “providos”; essa foi uma longa aspiração da lógica da linguagem. Seduzido pela hipótese de uma distância objetivante entre sistemas descritivos e sistemas descritos, Greimas observa que a expressão “desprovida de sentido” não é, de fato, “sem sentido”, como, por sua vez, não são sem sentido os conectores lógicos de “conjunção”, “disjunção”, “possibilidade”.

⁹ Fabbri, há um tempo, comprovou essa hipótese do sentido em tradução: “Benjamin é convicto – justamente – de que não há nenhum sentido, a priori, que não possa ser traduzido, que o sentido, na realidade, se constitui de tradução”, Fabbri, 2003, p. 88-89.

¹⁰ Sobre semiótica etológica, cf. Ivan Darrault-Harris, 2002.

¹¹ Nota da tradutora: link para a tradução brasileira do texto “A atualidade do saussurismo”: http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao04/04_010.php

¹² Greimas desenvolve, especificamente, as hipóteses avançadas de Hjelmslev, 1957.

¹³ O princípio da dupla articulação, limitadamente ao plano da expressão, encontra-se em Martinet, 1965.

proposta por Hjelmslev e que passou a ser operada em *Semântica estrutural* (Greimas, 1976 [1966]), é simétrica à redução em traços distintivos, proposta pela Fonologia de Praga. Segundo essa hipótese – que nada mais é do que a ideia de isomorfismo e da não conformidade dos planos da linguagem – ao lado da substância da expressão, também a substância do conteúdo deveria ser descrita por meio de um número finito de propriedades semânticas. Essas propriedades não dependem da análise lexical do dicionário e, então, da língua, mas, ao contrário, encontram-se na concatenação sintagmática dos lexemas, uma propriedade do discurso. Se, por um lado, essa estratégia contextual emancipou o estudo da semântica de base meramente lexical, por exemplo da hipótese lexicográfica levada adiante por Matoré nos anos 40-50¹⁴, na introdução a *Sobre o sentido*, Greimas indica os limites e a utopia dessa redução¹⁵. Com relação aos universais fonéticos, condicionados a algumas dezenas de traços com os quais se descreve a fonologia das línguas existentes e as mortas (no original italiano, “as existidas”), os universais semânticos não podem ser reduzidos a inventários fechados ou a uma descrição das línguas do mundo¹⁶.

O sentido dos sentidos

Retomando os textos que compõem *Sobre o sentido*, nos damos conta que o projeto e os exemplos propostos estão ainda vinculados, por consequência, ao *conteúdo das línguas naturais*, tendo como exceção, em efeito, o texto “Por uma semiótica do mundo natural”¹⁷; todos os estudos provêm de um *corpus* linguístico: o conto mítico, a escritura cruciverbista, a poética e os provérbios constituem a amostra dos gêneros verbais levados em conta na obra¹⁸.

Para atingir uma semiótica que vá além das línguas naturais, para alcançar, então, a fundação de uma semiótica do conteúdo, um segundo passo foi necessário. Além da constituição do nível figurativo, já integrado por meio de uma semiótica do mundo natural, Greimas

traçará, especialmente, uma lição de fenomenologia, articulando e reinterpretando os modos de percepção na tipologia de semas, tendo em vista a tripartição exteroceptividade, interoceptividade e proprioceptividade. No texto “A estrutura semântica”, são, então, apresentadas as duas primeiras tipologias de semas¹⁹. A propriedade do conteúdo adquire, assim, uma identidade que não é mais meramente linguística, já que a distinção entre semas *abstratos* e *figurativos*, mais do que ser de ordem funcional, é de natureza categorial. Isso nos leva a constatar que nem todo sentido encaminha-se à semântica da língua, uma vez que nem todas as percepções e as sensações têm um nome, nem todo o sentido, que provém da visão do mundo ou da percepção de um quadro, pode ser “dito” e “traduzido” pela língua natural. Rapidamente, notamos que os descartes de sentido não são sempre encaminhados à semântica linguística e, ao mesmo tempo, justamente por que esses descartes são de natureza visual, olfativa, gustativa ou tátil, o nível exteroceptivo serve para construirmos uma base mais ampla para uma semântica que seja plenamente semiótica. De qualquer forma, o sentido é algo intimamente ligado aos sentidos e às sensações²⁰.

O sentido como valor bio-semântico

Passando a demonstrar, mais efetivamente, essa discussão, na metade da década de 70, e mais tarde no texto “Da modalização do ser”²¹, o *sentido*, entendido como *valor*, será reconstruído como um investimento nos *objetos de valor* (*quête*) e direcionará o engendramento das ações e do discurso. Antes, porém, será necessário introduzir uma última tipologia, a proprioceptiva dos semas tímicos, articulados em *euforia/disforia* e capazes de transformar as propriedades *abstratas* e *figurativas* em tantas outras axiologias de valor²².

O sentido entendido como *valor* está presente de

¹⁴ Juntamente a Georges Matoré, Greimas publicará as primeiras pesquisas de lexicografia entre o final dos anos 40 e o início dos anos 50, cf. Greimas e Matoré, 1950.

¹⁵ Escreve Greimas: “[...] começamos a nos dar conta de quanto seja ilusório o projeto de uma semântica sistemática que articularia – como o faria a fonologia – o plano do significado de uma determinada língua” (1975, p. 53).

¹⁶ Isso, porém, não quer dizer, como observa mais tarde Rastier (2001), que os inventários não possam ser reduzidos.

¹⁷ Nota da tradutora: Na edição brasileira, o texto é intitulado “Condições para uma Semiótica do mundo natural” e encontra-se nas páginas 46-85.

¹⁸ A pesquisa sobre poética, em especial, antecipa uma coletânea de ensaios que será publicada apenas dois anos mais tarde como *Semiótica poética* (1972).

¹⁹ A distinção entre esses semas corresponde aos níveis *semântico* e *semiológico* da Semântica estrutural.

²⁰ Em relação às observações sobre conexão entre o figurativo e o sensível, conferir, especificamente, Denis Bertrand, 1996.

²¹ “De la modalisation de l’être”, Actes Sémiotiques. Bulletin du GRS-I, 9, 1979, p. 9-19, publicado também em *Du sens II*, 1983, p. 93-102 (tradução italiana, p. 89-99). Para as homologações semânticas entre pares figurativos, abstratos e tímicos, conferir Greimas, 1976. [Nota da Tradutora: A tradução brasileira de *Sobre o sentido II: ensaios semióticos* foi traduzida por Dilson Ferreira da Cruz e publicada em 2014, pela Edusp/Nankin Editorial. O texto “Sobre a modalização do ser” encontra-se nas páginas 103-113.]

²² O par de semas tímicos compõe-se de duas únicas unidades e retoma o paralelo com a fonologia, em que a categoria da sonorização prevê a única oposição entre “surdo” e “sonoro”.

²³ Nota da tradutora: Texto escrito em colaboração com François Rastier (Greimas, 1975, p. 126-143).

modo embrionário no ensaio “O jogo das restrições semióticas”²³, em que se revela a arqueologia, que será a axiologização obtida por meio da homologação entre as ações prescritas (previstas) ou não previstas e os pares de semas “benéfico” / “nocivo” ou “desejado” / “temido”.

Dessa homologação entre tipologias de traços, será proposto um outro modo de pensar a redução semântica: não mais por meio de inventários fechados, mas por meio da economia na geração de sentido. Greimas se dá conta de que alguns traços semânticos, propriamente por que são mais *pregnantes* [N.T.: marcantes, intensos] do que outros, direcionam a lógica do vivente (do que dura), enquanto finalidade da ação, tanto nas narrativas como no mundo natural. O problema do sentido, como escreverá Greimas no texto introdutório, “[...] se mantém num nível mais ‘profundo’ ou, simplesmente, em outro nível” (Greimas, 1975, p. 8).

Essa solução que procede, de um lado, da esfera paradigmática, anuncia o modelo de *geração de sentido*, mas distancia, ao mesmo tempo, a semiótica da linguística para reaproximá-la da antropologia: o sentido mais *pregnante*, como ocorre na oposição *vida/morte* ou *natureza/cultura*, é aquele dos pares míticos propostos por Lévi-Strauss (1958) nas culturas ameríndias. Greimas termina por reler, então, os mesmos mitos indoeuropeus descritos por Dumézil (conferir os textos “A mitologia comparada” e “Por uma teoria de interpretação da narrativa mítica”²⁴). Do outro lado, ao contrário, seguindo a via sintagmática e os ensinamentos de Propp (1928), o sentido como valor é aquele investido nos objetos dos contos maravilhosos – os primeiros germes encontram-se em “Elementos de uma gramática narrativa” (Greimas, 1975).

O sentido encontra-se, então, como um direcionador das intenções do conto e das ações; com base nisso, René Thom (1990) definirá a *pregnância* em relação à *saliência* das formas sensíveis²⁵. A própria percepção é seletiva, uma vez que, contrariamente a outras espécies animais, percebemos e damos sentido ao mundo, compreendendo, antes de mais nada, o que nos permite permanecer em vida e ativos, e isso se revela particularmente verdade para as formas mais simples movidas pela *pregnância biológica*. Em uma arqueologia do vivente, essa transformação coincide com a passagem do *valor biológico* para o *valor bio-semântico*, uma vez que é justamente este último que caracteriza o sentido do ser vivente, que é o homem.

A narrativa como perspectiva sobre o sentido

O aspecto de *pregnância* do sentido, ao mesmo tempo tímica e semântica, aparecerá com maior evidência nas pesquisas sucessivas de Greimas sobre as paixões em que a configuração “Sobre a coléra” (Greimas, 2014 [1983]) não é conduzida a mera pulsão, mas se configura como uma micro-narrativa com numerosas gradações de sentido²⁶.

A aparição da linguagem teve como consequência o nascimento das *pregnâncias* abstratas e do nível interoceptivo, tão necessário para ordenar o mundo do observável, tendo em vista uma hierarquia semântica de categorias divisíveis por classes (trata-se do mesmo problema das classificações em antropologia). O sentido, assim entendido, não é mais guiado pelas necessidades primárias, mas se atrela sim aos valores ideais de natureza conceitual, por exemplo, ético ou estético, como o *justo* (legítimo ou equilibrado) ou o *belo*. Poderíamos sustentar que a diferença em relação aos animais consiste no fato de que estes últimos fixam o sentido diretamente nas formas figurativas (a presa, o parceiro sexual), enquanto os humanos atribuem sentido, mediando-o por meio de uma idealidade que tem lastro nas categorias abstratas da linguagem e investidas nos objetos de valor (*quête*), dando, assim, origem às sequências de ações pertencentes a uma narrativa.

Trata-se, como se intui, de um projeto ambicioso que almeja a universalidade do sentido e das estruturas que o veiculam, propondo uma estratificação dos níveis mais gerais das estruturas profundas em direção aos níveis particularizantes das estruturas superficiais. Ora, questionando, dessa forma, as restrições que filtram o sentido, acabamos por indagar não mais a organização de uma língua particular, mas sim as *estruturas antropológicas do imaginário*, aquelas comuns ao gênero *anthropos* e, conseqüentemente, às culturas²⁷. Se algo pode ser considerado universal no imaginário das culturas, além da relatividade das línguas e igualmente a capacidade de traduzi-las, esse vínculo é a limitação narrativa do sentido. A narração pode manifestar-se por meio de palavras ou por imagens. Os contos orais transcritos, porém, além de conterem traços de valor coletivo, uma vez que, como a língua, não são inventados por um autor – embora difusos em uma coletividade que os transmite por meio de

²⁴ Nota da tradutora: Este último é uma homenagem de Greimas a Claude Lévi-Strauss.

²⁵ Sugerimos que os leitores retomem os trabalhos de René Thom, 1981, 1990. Vê-se igualmente o desenvolvimento dessas discussões em Jean Petitot, 1985 e 2003.

²⁶ A pesquisa sobre as paixões terá seu ápice no volume escrito em coautoria com Jacques Fontanille: cf. Greimas e Fontanille, 1991; cf. também Fabbri, 1986. [Nota da tradutora: a obra *Semiótica das paixões* foi publicada no Brasil em 1993 (Tradução de Maria José Rodrigues Coracini, editora Ática)].

²⁷ Essas estruturas do imaginário são distintas das delineadas por Gilbert Durand (1960) e das quais Greimas (1966), por sinal, afastou-se em *Semântica estrutural*. [Nota da tradutora: a obra *Semântica estrutural* foi traduzida no Brasil por Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein, publicada pela Editora Cultrix/Edusp em 1973].

*contadores*²⁸ (narradores; “conteurs”) – estão, de fato, mais próximos do momento do contato entre as pregnâncias biológicas e os primeiros conceitos semânticos produzidos pela espécie humana, como o é o sentido dos pares míticos *vida/morte* ou *natureza/cultura*²⁹. O conto *mítico* e/ou as fábulas (estas últimas de origem *ritual*, segundo Propp, 1946) geram perspectivas diversas sobre o sentido, uma vez que os mitos resistem ao trabalho de tradução entre as línguas e anulam as diferenças mais superficiais, deixando invariável o sentido profundo que se deixa manifestar. A característica desse gênero de conto é que pode ser codificada, quando se recorre apenas ao conteúdo, ignorando a semiose e a linguagem de manifestação. O mito, em particular, conta as controvérsias de sentido, pois é *pluriperspectivo* em relação ao valor. Nesse caso, como sustenta Lévi-Strauss, o mito acaba por afirmar duas verdades que não possuem uma resolução racional, pois afirma, ao mesmo tempo, um valor e seu contrário (por isso “pluri”). A fábula – assim como o conto tradicional – ao contrário, limitando-se a assumir um valor e a negar o seu contrário, é, na verdade, *monoperspectiva* e assume plenamente sua função ideológica de difundir e homogeneizar aqueles que são reconhecidos, respectivamente, como *valores* e *não valores* nas diversas culturas. Em *Maupassant* (Greimas, 1976)³⁰, cujo único propósito é ser uma resposta à obra *S/Z* de Barthes (1970), Greimas mostrará que a manifestação do valor, além de investimento nos objetos de valor (*quête*), pode perfazer um último percurso: aquele mais relacionado à via figurativa, manifestado pelos símbolos ou por codificações, que são originadas por pares de contrários e que, mais tarde, levaram o nome de semissimbólicos, erigindo uma economia dos filtros narrativos para a geração do sentido³¹. Desse ponto de vista, a hipótese das restrições a que está subordinada a manifestação do sentido apresenta uma simetria no percurso, que vai das estruturas profundas em direção às estruturas de superfície, indo do mais universal ao mais particular, prevendo, assim, a possibilidade de saltarmos os níveis de construção para se atingir a manifestação do sentido diretamente por meio das figuras.

Qualquer semântica da língua resulta ancorada em um universo particular de uma cultura que nasce, essencialmente, da maneira como se classificam os

objetos da percepção e os exprime na manifestação da língua. Afirma Greimas: “Um nível semiótico comum se distingue, portanto, do nível linguístico e lhe é logicamente anterior, seja qual for a língua escolhida para a manifestação” (Greimas, 1975, p. 145).

Ser e sentido

Desde sua origem, as questões filosóficas colocam a questão do sentido, em particular do *sentido pregnante*, que é próprio dos valores ideais: a reflexão é colocada desde o início sobre o que é *bom*, o que é o *belo* e o que é *justo*. Nos novecentos, a virada assinalada pela ciência da linguagem afastou o problema do ser, invertendo a questão e interrogando, assim, o *sentido* do ser. Desse modo, acabou por sustentar que o único modo de conhecer o ser é pelo sentido que o atribuímos³². Dizendo de outro modo, sem chegar a negar a existência do mundo, sustenta-se que o que chamamos de “ser” ou “realidade” não é outra coisa que atribuições de sentido.

Começamos a discussão pela comparação indireta entre duas tradições: a da semiótica filosófica e a da semiótica de descendência linguística e antropológica. O confronto entre esses comportamentos advém principalmente do eixo que une e separa o *ser* do *sentido*. Em *Os limites da interpretação* (2004 [1990]), Eco questiona-se sobre o núcleo duro do sentido. A resposta que ele dava é que o sentido é aquela parte que resiste e que impede, então, de permutar a *Busca* de Proust (*Em busca do tempo perdido*) pela busca de *Chapeuzinho Vermelho*. A questão que Eco se coloca explicitamente, e Greimas, implicitamente, em seu texto *Sobre o sentido*, equivale a interrogar o ser do sentido: “O que é o sentido?”. A resposta de Eco é filosófica: o ser do sentido se define em relação ao critério parmenídico que é aquele do limite imposto pelo *não ser* do sentido³³. A resposta de Greimas, que extrapola o texto dos artigos que compõem a obra *Sobre o sentido*, é muito mais articulada e, ao mesmo tempo, surpreendente, porque, muito embora haja bifurcação entre *metalinguagem* e *tradução*, o autor termina por sugerir uma nova saída. Só por isso, eis a razão para lermos a seleta de ensaios de *Sobre o sentido*, que vão muito além do interesse por uma ar-

²⁸ Walter Benjamin [1933].

²⁹ Este último par retoma o jogo debatido atualmente pela antropologia (cf. Descola, 2005 e Latour, 2015).

³⁰ Nota da tradutora: a edição brasileira foi publicada tardiamente. Cf. *Maupassant. A semiótica do texto: exercícios práticos*. Tradução de Teresinha Oenning Michels e Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.

³¹ No episódio final da novela *Deux amis* de Maupassant, os corpos de Morissot e Sauvage, em processo de morte, caindo, forma o símbolo da cruz, aludindo, assim, aos valores do cristianismo. Para as pesquisas sobre manifestação visual, sugerimos aos leitores as análises de Thülermann (1982) sobre os pares míticos na aquarela *Blumen Mythos*, de Paul Klee.

³² A propósito, conferir as observações de Cassirer (1944).

³³ Nota da tradutora: Parmênides (530 a.C. – 460 a.C.), filósofo de Eléia, deixou um único trabalho, uma poesia *Sobre a natureza*, escrita sob a forma de fragmentos. Basicamente, o raciocínio de Parmênides resume-se em: o que está fora do ser não é o ser; sendo assim, o não ser é nada e o ser, portanto, é. O limite, pois, impõe-se pelo “não ser”, como se vê nos apontamentos de Alessandro Zinna em torno da obra de Umberto Eco.

queologia semiótica. O ponto principal não é o que é o sentido (transposição metalinguística que tende a reduzir a polissemia do termo *sentido*), nem aquilo que pode se tornar o sentido em *tradução* (transposição intersemiótica, interlinguística ou infralinguística que almeja, de qualquer modo, a regular certa *traição* do sentido), mas, mais ainda, a resposta que emerge dessas páginas é como se constrói o sentido através dos limites que o filtram e o arriscam, passando de nível em nível e concatenando as unidades singulares que o compõem: trata-se de uma resposta *operativa* que multiplica as mediações e a proliferação do sentido. Greimas concluirá que “o sentido, enquanto forma do sentido, pode ser definido então como a possibilidade de transformação do sentido” (1975, p. 15).

Para conseguir estabilizar o ser do sentido, o comportamento filosófico da tradição ocidental procura sistemas e propõe classificações³⁴; o linguístico e antropológico, consciente das estruturas universais de mediação e do relativismo das línguas, coloca lado a lado os vínculos generalizantes e a busca de relações (elos), que pertencem ao universo de sentido de uma cultura em particular. Durante a obra *Sobre o sentido*, Greimas, portanto, acaba por sugerir que são o *sentido dos existentes*³⁵ (viventes) e o *processo de sentido* as duas direções para se dizer algo de novo sobre o sentido. ●

Referências

- Barthes, Roland
1970. *S/Z*. Paris: Seuil.
- Benjamin, Walter
1933. Il narratore. Considerazioni sull'opera di Nicola Leskov. In: *Angelus Novus*. Saggi e frammenti. Torino: Einaudi, 1962.
- Bertrand, Denis
1996. Espace et vision: sémiotique figurative et sensibilité. In: Kelly, D. (éd.). *Sémiotique et interprétation, La Chouette*, n. 27. London: Birkbeck College, University of London, pp. 50-65.
- Cassirer, Ernst
1944. *An essay on Man*. An introduction to a philosophy of human culture. New Haven: Yale University Press [Trad. it. *Saggio sull'uomo e Lo strutturalismo nella linguística moderna*. Roma: Armando, 1968].
- Coquet, Jean-Claude
1994. *Sémiotique*. L'École de Paris. Paris: Hachette.
- Darrault-Harris, Ivan
2002. La sémiotique du comportement. In: Hénault, Anne (dir.). *Questions de sémiotiques*. Paris: PUF.
- Descola, Philippe
2005. *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard.
- Durand, Gilbert
1960. *Les Structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris: PUF.
- Eco, Umberto
1975. *Trattato di semiotica generale*. Milano: Bompiani.
- Eco, Umberto
1984. *Semiotica e Filosofia del linguaggio*. Torino: Einaudi. [Eco, U. *Semiotica e filosofia da linguagem*. Trad. Mariarosaria Fabris e José Luiz Fiorin. Revisão de Izidoro Blikstein. São Paulo: Ática, 1991].
- Eco, Umberto
1990. *I limiti dell'interpretazione*. Milano: Bompiani. [ECO, U. *Os limites da Interpretação*. 2ª ed. São Paulo Perspectiva, 2004].
- Fabbri, Paolo
1986. Pathémique (rôle). In: Greimas, A. J.; Courtés, J. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Tome II. Paris: Hachette, p. 165.
- Fabbri, Paolo
2003. *Elogio di Babele*. Traduzioni, trasposizioni, trasmutazioni. Roma: Meltemi.
- Greimas, Algirdas Julien
1956. L'actualité du saussurisme (à l'occasion du 40e anniversaire de la publication du *Cours de linguistique générale*), *Le français moderne*, n. 24, pp. 191-203.
- Greimas, Algirdas Julien
1966. *Sémantique structurale*. Paris: Larousse [Trad. it. *Semantica strutturale*. Milano: Rizzoli, 1968. Trad. br. *Semântica estrutural*. Trad. Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.]
- Greimas, Algirdas Julien
1970. *Du sens*. [Trad it. *Del senso*. Traduzione a cura di Stefano Agosti. Milano: Bompiani, 1974. Trad. br. *Sobre o sentido*. Trad. Ana Cristina Cruz Cezar et ali. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.]

³⁴ François Jullien demonstrou a diversa organização das estratégias do sentido que se concretiza no pensamento chinês, cf. Jullien, 1997.

³⁵ Nota da tradutora: Durante seu texto, Alessandro Zinna se vale da expressão “viventes”. Neste último parágrafo, utiliza “existentes”.

- Greimas, Algirdas Julien
1972. Pour une théorie du discours poétique. In: Greimas, A. J. *Essais de sémiotique poétique*. Paris: Larousse, p. 5-24. [Trad. br. *Ensaio de semiótica poética*. São Paulo: Cultrix, 1975.]
- Greimas, Algirdas Julien
1976. *Maupassant. La sémiotique du texte*. Exercices pratiques. Paris: Seuil. [Trad. it. *Maupassant. Esercizi di semiotica del testo*, Torino, Centro Scientifico editore, 1995. Trad. br. *Maupassant. A semiótica do texto: exercícios práticos*. Tradução de Teresinha Oenning Michels e Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.]
- Greimas, Algirdas Julien
1979. De la modalisation de l'être. *Actes sémiotiques. Bulletin*, n. 9, pp. 9-19.
- Greimas, Algirdas Julien
1983. *Du sens II*. Paris: Seuil. [Trad. it. *Del senso II*. A cura di P. Magli e Maria Pia Pozzato. Milano: Bompiani, 1984. Trad. br. *Sobre o sentido II*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: EdUSP e Nanquim Editorial, 2014.]
- Greimas, Algirdas Julien (dir.).
1972. *Essais de sémiotique poétique*. Paris: Larousse. [Trad. br. *Ensaio de semiótica poética*. São Paulo: Cultrix, 1975.]
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph (dir.)
1986. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Tome II. Paris: Hachette.
- Greimas, Algirdas Julien; Fontanille, Jacques
1991. *Sémiotique des passions*. Des états de choses aux états d'âme. Paris: Seuil. [Trad. it. *Semiotica delle passioni*. Dagli stati delle cose agli stati d'animo. A cura di F. Marsciani e I. Pezzini. Milano: Bompiani, 1996. Trad. br. *Semiótica das paixões*. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.]
- Greimas, Algirdas Julien; Matoré, George
1950. La méthode en lexicologie, II. *Romanische Forschungen*, n. 62, pp. 208-221.
- Hénault, Anne (dir.)
2002. *Questions de sémiotique*. Paris: PUF.
- Hjelmslev, Louis
1957. Par une sémantique structurale. *Essais linguistiques. Travaux du Cercle Linguistique de Copenhague* (VIII Congrès International des linguistes sul. "Dans quelle mesure les significations des mots peuvent-elles être considérées comme formant une structure?"), XII, 1959, pp. 105-121. [Accessibile in traduzione italiana (Per una semantica strutturale.) nell'edizione curata da R. Galassi, *Saggi linguistici*, vol. I. Verona: Unicopli, 1988, pp. 318-335.]
- Jakobson, Roman
1956. Il metalinguaggio come problema semiotico. In: Jakobson, R. *Lo sviluppo della semiotica*. Milano: Bompiani, 1978, pp. 85-98. (Conferenza presentata per la prima volta all'incontro annuale della Linguistic Society of America, il 27 dicembre, e pubblicata in *Különtenyomat a Nyelvtudományi Közlemények 76. Kötetének 2*. In seguito apparsa nei *Selected Writings*, VII, a cura di S. Rudy. Mouton, 1985, p. 113-121.)
- Jullien, François
1997. *Le détour et l'accès*. Stratégies du sens en Chine, en Grèce. Paris: Seuil. [Trad. it. *L'ansa e l'accesso*. Strategie del senso in Cina e in Grecia. A cura di P. Fabbri. Milano-Udine: Mimesis.
- Latour, Bruno
2015. *Face à Gaïa*. Huit conférences sur le nouveau régime climatique. Paris: La Découverte.
- Lévi-Strauss, Claude
1958. *Anthropologie structurale*. Paris: Plon. [Trad. it. *Antropologia strutturale*. Milano: Il Saggiatore, 1966.]
- Martinet, André
1965. *La linguistique synchronique*. Paris: PUF.
- Petitot, Jean
1985. *Morphologie du sens*. Paris: PUF. [Trad. it. *Morfologia del senso*. Per uno schematismo della struttura. Milano: Bompiani, 1991.]
- Petitot, Jean
2003. *Morphologie et esthétique*. Paris: Maisonneuve et Larose.
- Propp, Vladimir Jakovlevic 1966. *Morfologia della fiaba*. Con un intervento di Claude Lévi-Strauss e una replica dell'autore. A cura di Gian Luigi Bravo. Torino: Einaudi.
- Propp, Vladimir Jakovlevic
1949, 1972. *Le radici storiche dei racconti di fate*. Torino: Einaudi; Torino: Boringhieri.
- Rastier, François
2001. *Arts et sciences du texte*. Paris: PUF [Trad. it. *Arti e scienze del testo*. Roma: Meltemi, 2003.]
- Saussure, Ferdinand de
2006. *Curso de Linguística geral*. Trad. Antônio

Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix. [Saussure, F. *Cours de linguistique générale*. Publié par Charles Bailly et Albert Séchehaye avec la collaboration de Albert Riedlinger. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1967 [1916].]

Thom, René

1990. Psychisme animal et psychisme humain. In: Thom, R. *Apologie du logos*. Paris: Hachette, p. 92-100. [Trad. it. *Psichismo animale e psichismo humano*. In:

Arte e Morfologia. Saggi di semiotica. A cura di Paolo Fabbri. Milano-Udine: Mimesis, 2011.]

Thürlemann, Felix

1982. Blumen Mythos. In: Thürlemann, F. *Paul Klee. Analyse sémiotique de trois peintures*. Lausanne: Âge d'homme. [Trad. it. *Paul Klee. Analisi semiotica di Blumen Mythos*. A cura di L. Corrain e L. Valenti. Leggere l'opera d'arte, Bologna: Esculapio, 1991.]

Dados para indexação em língua estrangeira

Zinna, Alessandro

Du sens cinquante ans après

Estudos Semióticos, vol. 14, n. 1 (edição especial) (2018)

ISSN 1980-4016

Résumé: *En rappelant le projet greimassien pour l'étude de la signification, ce texte avance une lecture critique et jette un regard rétrospectif sur l'un des ouvrages majeurs d'Algirdas Julien Greimas, Du Sens, titre incontournable de l'histoire de la sémiotique discursive. L'auteur y décrit le contenu des essais figurant dans le livre, pour faire état, ensuite, des dialogues entamés avec les thèses en débat à l'époque et, surtout, des ouvertures et des contributions possibles de la théorie du sens aux discussions en cours dans la recherche contemporaine.*

Mots-clés: *Sens ; Greimas ; contenu ; perception ; valeur*

Como citar este artigo

ZINNA, Alessandro. *Sobre o sentido cinquenta anos depois. Estudos Semióticos*. [on-line], volume 14, n. 1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, março de 2018, p. 37-44. Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 25/08/2017

Data de sua aprovação: 03/11/2017
